

NÔ PINTCHA

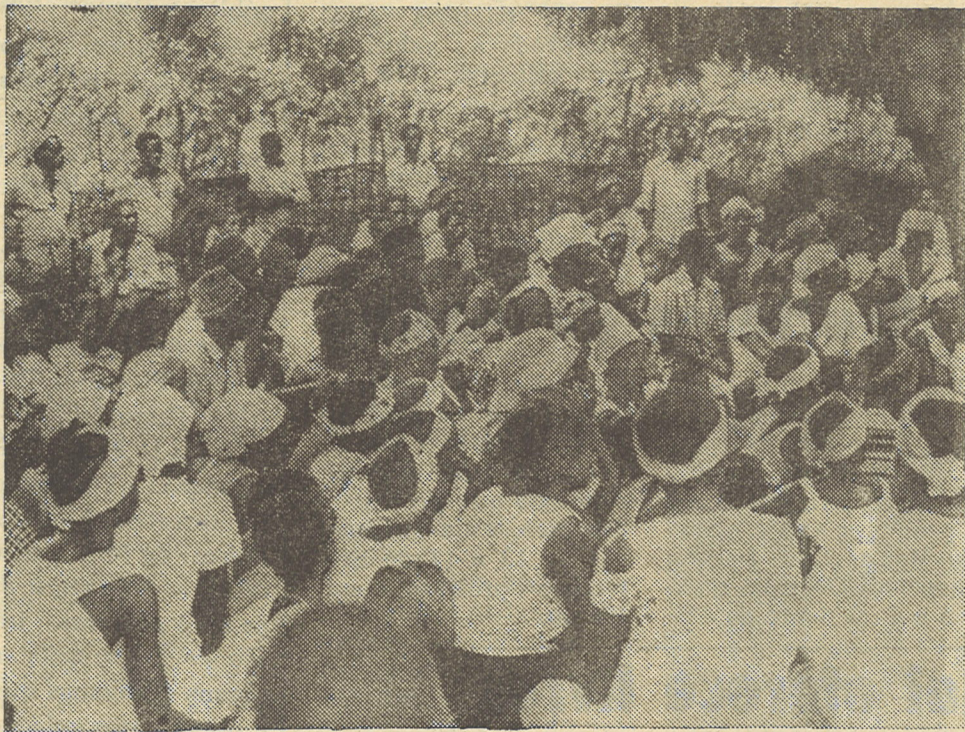
ORGÃO DO MINISTÉRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: AVENIDA DO BRASIL, CENTRO DE IMPRENSA

TELEFONES: 3713/3726/3728

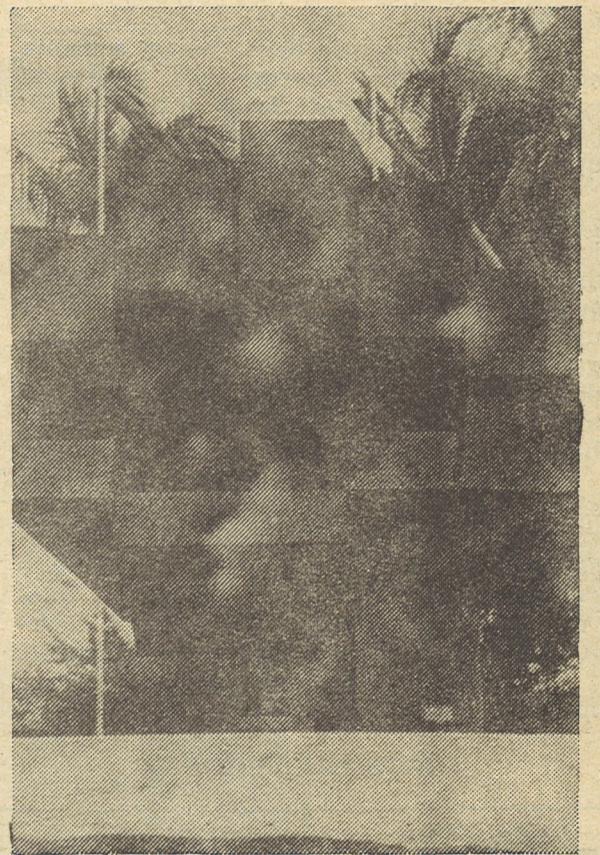
BISSAU

SAÚDE DE BASE ALARGA ACCÇÃO



No final do seminário de Saúde de Base, decorrido em Bissau, os trabalhadores desse projecto decidiram alargar, no próximo período de 1982/83, as actividades de prevenção e promoção sanitária a outras áreas do país nomeadamente à região de Oio, S. Domingos, Bula e Cubucaré. Esta medida é fruto dos resultados obtidos durante a execução do programa do ano findo. A participação efectiva dos camponeses dá garantias para a implantação do projecto nessas áreas. Entretanto, o responsável do projecto de Saúde de Base, Augusto da Silva, faz notar que uma das dificuldades, além dos problemas que surgem no terreno, é a falta de quadros qualificados. Contamos retomar a reportagem na nossa próxima edição.

PINDJIGUITI



23.º ANIVERSÁRIO

Actos políticos e culturais e jornadas de trabalho voluntário assinalarão, terça-feira, a passagem do 23.º aniversário do massacre de Pindjiguiti, comemorado a 3 de Agosto. O programa de actividades, elaborado pela UNTG-Central Sindical, prevê a realização de reuniões com trabalhadores, organizados em centros de trabalho, para as quais serão designados responsáveis sindicais, e deposição de coroas de flores no monumento aos mártires do colonialismo, às 16 horas, na Praça de Pindjiguiti. Jornadas de trabalho voluntário deverão ser realizadas nos bairros e centros de trabalho, encerrando o programa com a exibição de filmes sobre a Luta Armada de Libertação Nacional, à noite, no Salão III Congresso.

NOVOS MEMBROS DO TRIBUNAL MILITAR

O Vice-Ministro das Forças Armadas Revolucionárias do Povo, Camarada Iafai Camará, presidiu na manhã do dia 28 do corrente, no seu gabinete de trabalho, à cerimónia de posse de novos membros do Tribunal Militar Regional.

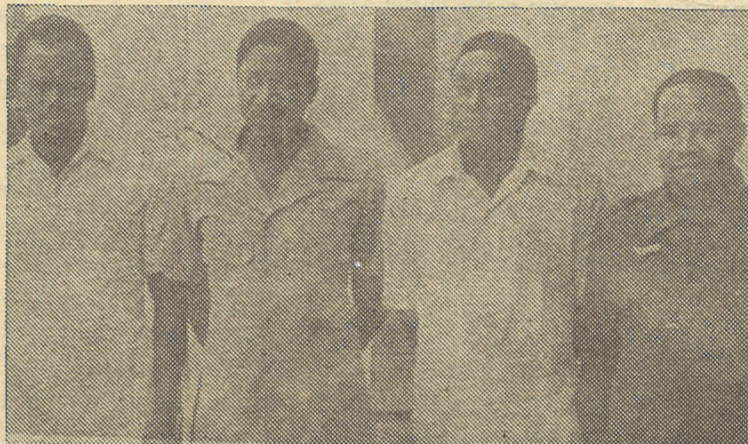
A nova equipa do Tribunal Militar é presidida pelo Primeiro Comandante Pedro Ramos, do Comité Central do Partido, e formado ainda pelos camaradas Arsenio Lassana e António Afonso Té, exercendo respectivamente as funções de Juiz Auditor e Promotor da Justiça, sendo ambos pertencentes a escalões de oficiais subalternos.

SAÚDE MARIA TERMINA VISITA AO LESTE "ESTAMOS COM O CR COM ENXADA NA MÃO"

O camarada Primeiro-Ministro, Victor Saúde Maria, terminou ontem a sua visita de trabalho à Região de Gabú. O Chefe do nosso Governo, que esteve anteriormente em Bafatá, conforme já noticiámos, reuniu-se ontem com as populações de Cã Djia e Sonaco, localidades da região de Gabú, tendo efectuado visitas aos campos de experimentação de mancarra e milho e ao projecto orizícola de Carantabá, que está na sua fase já bastante avançada e conta com o apoio do Governo chinês.

A visita do camarada Victor Saúde Maria mereceu manifestações de alegria da população do Leste que testemunharam ao vice-Presidente do Conselho da Revolução que «estamos com o C.R., com a enxada na mão, tarçado e arado». (Ver pág. 8)

EMPOSSADOS RESPONSÁVEIS DA UNTG, JAAC E SAB (pág. 8)



Os camaradas empossados: Adriano Ferreira, Teobaldo Barbosa, Mário Mendes e António Borges



A mesa que presidiu ao acto de posse

Apoiar o camponês

Eu sou do campo! Embora residindo na cidade, todos os anos vou lá. Nasci no aroma das matas, aprendi a sentir o odor do homem do campo. Ele não usa perfumes, o seu cheiro natural, como o é o seu olhar puro e inocente. Ele é hospitaleiro, não sabe desconfiar de ninguém, gosta de conviver. Aprendi no campo a reconhecer os vestígios deixados pelos pés do pai num caminho pisado por muitos pés.

Aprendi a sentar-me debaixo daquela árvore grande do Tio Ampintcham, a conversar com a posterioridade dos séculos.

Quando me falam da agricultura sinto-me abalado na sonolência dos sonhos. Já lá vai o tempo em que o nome campo, significava para o homem da cidade, o atrasado, o ignorante. Isso não é e nunca foi verdade, porque o camponês é e será sempre o retrato dos tempos.

A agricultura não deve nascer somente no campo. Ela deve começar nos bancos da escola, é ali que se deve fazer o trabalho de base, é ali que se deve mentalizar a flor nova que nasce no canteiro desta Pátria.

Os projectos foram sempre feitos e engavetados, porque a política era de lindos adjectivos. Construíam a auto-estrada da fome, quando lá nas bolanhas de Quitáfine o arroz estragava. A campanha agrícola é uma nova semente que se lança na terra, e que espera a sua germinação. Mas será que depois do surgir das pétalas, se não mondar-mos os campos, o que será da colheita? Não haverá colheita porque as sementes perecerão.

Dêem-nos apoios, porque no fim, os nossos sorrisos serão lavados pelas lágrimas da missão cumprida. Dêem-nos petróleo, gásóleo para os nossos candeiros, e não velas porque essas são do homem da cidade. Queremos mantas, tabacos e não malhas e cigarros porque são também do homem da cidade.

Dêem-nos catapas e enxadas e será o momento de desbravatar.

JORGE PANAMHODAY

Pedido de correspondência

Amadú Culubali, jovem guineense de 21 anos de idade, deseja corresponder com jovens brasileiros, suecos, americanos, holandeses, suíços e espanhóis de ambos os sexos.

Os interessados deverão escrever para o Ministério das Obras Públicas, Construções e Urbanismo, C.P. n.º 14 — Bissau — República da Guiné-Bissau.

Pagamentos em divisas em alguns hotéis

Os hóspedes não residentes no país passarão doravante a liquidar as suas contas, em divisas, nos hotéis 24 de setembro, Grande Hotel e na Estância Turística de Bubaque, segundo um despacho assinado pelo Primeiro-Ministro, camarada Victor Saúde Maria.

O documento abre uma excepção aos convidados pelo Governo da

Guiné-Bissau, e autoriza o BNG a «credenciar de acordo com as normas e fixar em instruções a emitir» pelo Banco nos estabelecimentos hoteleiros referidos, para a compra de moedas estrangeiras, em pagamento de serviços prestados a não residentes.

Um outro despacho rubricado pelo Primeiro-Ministro determina

também que «todos os convites feitos a entidades não residentes para visitarem o nosso país cujos encargos devem ser suportados pela Guiné-Bissau carecem de autorização prévia e expressa do Primeiro-Ministro».

Das autorizações concedidas será dado conhecimento ao Ministério de Economia e Finanças e ao Banco Nacional da Guiné-Bissau.

Peritos africanos em conferência

A Guiné-Bissau estará presente nos trabalhos da Conferência dos Peritos de Governos Africanos sobre a Cooperação Técnica, organizada pelo Programa das Nações Unidas para Desenvolvimento (PNUD), na

Bernardino Cardoso, responsável pelo Departamento de Cooperação Internacional, da Secretaria de Estado do Plano e da Cooperação Internacional.

A referida Conferência que terá lugar de 2

à 12 de Agosto, em Libreville (Gabão), será consagrada à valorização e utilização dos recursos humanos, bem com à questão de formação de quadros no domínio da Ciência e da Técnica.

Encontro de directores do ensino

Uma reunião preparatória do próximo encontro de directores das Escolas do Ensino Básico Complementar, realizou-se na tarde da passada quarta-feira, na sala de reuniões do Conselho

Directivo do Ministério de Educação Nacional.

Nesse encontro, cujos trabalhos decorreram sob a presidência da camarada Maria Dulce Borges, Directora-Geral do Ensino e Presidente da Co-

missão Preparatória, procedeu-se à distribuição de tarefas a serem levadas a cabo durante o período que precede o encontro, cuja duração vai de 13 a 17 de Setembro próximo, em Bissau.

Portugal oferece livros

O Ministério da Educação Nacional vai beneficiar de mais um lote de livros didácticos.

Trata-se de seis volu-

mes de livros, oferta do Instituto Português para Cooperação Económica, destinados às escolas de Ensino Básico Complementar e Secundário.

De salientar que os referidos livros já se encontram nas instalações da Embaixada de Portugal.

Donativo da federação das mulheres da RDA

Realizou-se na manhã de quinta-feira nas instalações da Embaixada da RDA, a entrega de um donativo de materiais destinados aos trabalhos do Congresso das mulheres a ter lugar em Novembro próximo, em Bissau.

No acto de entrega, o embaixador da RDA sublinhou que o donativo da Federação das Mulheres da República Democrática Alemã inscreve-se no quadro das relações existentes desde os longos anos da Luta de Libertação Nacional.

Ao responder às palavras do Embaixador da RDA, a camarada Francisca Pereira, Secretária Nacional da CNMG, agradeceu a Federação Democrática das Mulheres da RDA pela oferta o que, segundo as suas palavras, irá ajudar a solucionar alguns problemas que a organização enfrenta para a realização deste grande evento da vida das mulheres guineenses.

Responde o povo

Que pensa do campeonato de futebol?

Mais uma época futebolística terminou na nossa terra, revestida de circunstâncias controversas de vária ordem. O futebol é a modalidade desportiva que mais adeptos possui no país, porque a maior parte dos jovens dedica-se a esta prática. Por esse motivo entrevistámos algumas pessoas que responderam como se segue.

ASSISTIMOS ANTES A UM DUELO DO QUE FUTEBOL

Amadú Seidi — estudante, morador no Bairro de Sintra — O campeonato nacional de futebol teve grande prestígio no seu início, antes do surgimento dos primeiros protestos. O futebol praticado era bonito, num espírito de desportivismo por parte dos clubes que até dava gosto ver. Mas ao longo do campeonato, e devido a certas infrac-

ções cometidas pelos árbitros, os jogos mudaram de carácter, passando-se antes a duelo que futebol. Todavia, não existe facto sem causa, embora se pudessem evitar todas essas cenas desagradáveis numa prática desportiva. Do ponto de vista da organização, a Federação Nacional de Futebol em certos casos adoptava uma posição parcial perante certos casos em relação a alguns clubes. Mas tudo acontece num momento de euforia, so-

bretudo quando estamos inclinados para um objectivo, então preferimos cometer erros. Quanto ao campeão deste ano para mim é o Benfica, sem dúvida, apesar de ter-se verificado um certo benefício por parte do árbitro porque, caso contrário, não o seria. Neste caso a culpa é do árbitro e não do Benfica. Por conseguinte é um caso à responsabilidade da Federação de Futebol que todos os anos promete a normalização da situação mas que nunca acontece.

BENFICA CAMPEÃO INCONTESTÁVEL

Jaime Ortaca — desempregado, morador

no Bairro de Antula — O Benfica é campeão para todos os efeitos desportistas na nossa terra. As insinuações dos não desportistas não modificam a estética do Benfica. No futebol temos que nos adaptar às circunstâncias porque como sendo uma actividade sem lógica, de nenhuma forma competirá ao cérebro humano determinar o seu acto, sobretudo quando se trata de disputa de algo. Durante este campeonato houve factos discriminatórios mas, que não mereceram grandes polémicas por parte do público amante do futebol, porque se tratava de outro

clube, mas «Deus cá está na rabada de ninguém».

O CAMPEONATO FOI EM CHEIO

Domingos Barbosa, electricista-auto — morador no Bairro de Bandidim-2 — O campeonato deste ano foi em cheio, na medida em que todas as equipas estavam à altura. A equipa da UDIB rendeu bastante durante a primeira volta, e na segunda baixou de forma, o que lhe valeu a perda do título. Neste aspecto também outras equipas tiveram a mesma sorte. A Federação de Futebol teve

uma atitude bastante controversa no jogo UDIB-Ajuda Sport, quanto à repetição do jogo que não se compreende o porquê. Este é um facto de maior indignação para mim no quadro futebolístico. No que respeita ao título de campeão, entendo que é o Benfica quem o merece sem dúvida alguma e com grande mérito. Entretanto, se não o for é uma injustiça. Já agora fica aqui vincado para os amantes do desporto que para uma boa prática de futebol é necessário que sejamos, acima de tudo, desportistas mesmo nas circunstâncias mais difíceis e adversas aos nossos clubes.

Arranjos exteriores do novo liceu

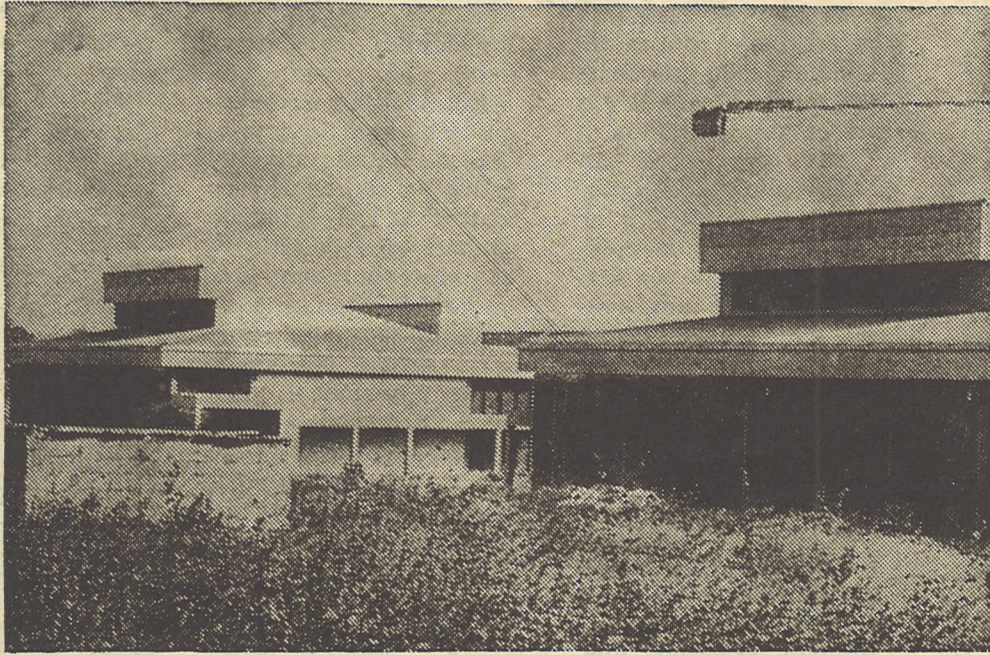
As obras do arranjo exterior do novo liceu de Bissau deverão iniciar-se na próxima se-

mana de modo a estarem prontas a tempo, com vista à sua utilização no próximo ano lectivo que começa em

Outubro próximo. Esta questão foi tema de recentes conversações que tiveram lugar em Bissau entre os Ministérios das Obras Públicas, Construção e Urbanismo e da Educação Nacional e a Sociedade portuguesa de Construção, Soares da Costa.

Saliente-se que a construção do novo liceu (que durou cerca de dois anos) terminou em Outubro do ano passado ficando só os acabamentos exteriores que não estavam incluídos no contrato inicial com esta empresa portuguesa.

Entretanto, sobre o material e equipamento, aguarda-se, em princípio o financiamento de uma firma holandesa.



Tcham: Ter dinheiro para mudar de vida



Defronte do Ministério da Informação o «Nô Pintcha» entrevistou Bacar Tcham, de 48 anos de idade, natural da região de Bafatá, tabanca de Bidjine. É servente-porteiro da Empresa «Construção Limitada» há 11 anos, casado e pai de dois filhos.

Afirmou-nos que de momento é obrigado a fazer o serviço de servente-porteiro porque não tem o outro meio de «ganhar a vida». No entanto, se tivesse mais dinheiro desejaria montar uma mesa no mercado na qual poderia vender cola e mais algumas coisas.

Como se chama e que idade tem?

— O meu nome é Bacar Tcham e tenho 48 anos de idade.

É casado?

— Sim e só com uma mulher.

Quantos filhos tem?

— Dois ainda pequenos.

Gosta da sua profissão?

— Que remédio. Trabalho para as «Construções Limitada» há precisamente 11 anos e não tenho outro meio de ganhar a vida. Se tivesse mais dinheiro gostaria de montar uma mesa no mercado para vender cola e ou-

tros produtos como fazem os djilas. Com isso, poderia ganhar mais dinheiro para melhorar a minha condição de vida e a da minha família.

Quanto ganha?

— Ganho 60 pesos diários, portanto 1800 pesos mensais, mas recebo líquido 1600 pesos porque ainda há os descontos.

O dinheiro não chega nem de longe para resolver os problemas familiares porque, o camarada sabe que a vida está muito cara em Bissau.

Como pensa que podemos resolver os problemas do país?

— Através do esforço de todos nós e desenvolvendo a agricultura.

Já foi a Meca?

— Gostaria imenso de um dia poder fazer a peregrinação a Meca mas neste momento não está nos meus planos porque não disponho de dinheiro para tal.

O que pensa ser mais importante de momento na sua vida?

— Não tenho ilusões porque já sou velho, resta-me acabar os meus dias neste portão. Contudo, ambiciono ter mais dinheiro para poder levar uma vida diferente.

OUÇA A RDN

Noticiários — 7 horas — 13 horas — 20 horas — 23,50 horas.

Informações diversas — 12,45 horas — 18,40 horas.

Programas para hoje — 14H, Prevenção Rodoviária — 15H, «Blufo» — 21H, Rádio-Escolar — 22H, Fim de Semana.

Domingo — 7,10H, Educação Sanitária — 9H, Voz dos Trabalhadores — 12H, Fala de África — 13,30H e 20,30H, Rádio Libertação — 15H, Programa da Mulher — 15,45H, Rádio Juvenil — 21H, «Elevemos o nível dos nossos conhecimentos».

Segunda-feira — 14H, Rádio Escolar — 21H, Actualidades sonoras — 22H, Música de todos os tempos — 23H, RDN e a Cooperação Internacional.

Terça-feira — 21H, Tempo para Desporto — 22H, O mundo da Ciência e da Técnica — 23H, Magazines-82.

METEOROLOGIA

Boletim meteorológico fornecido pelo observatório de Bissau, das zero às 18 horas de ontem:

— Temperatura máxima do ar 30 graus.

— Temperatura máxima média para o mês 30 graus.

— Temperatura mínima do ar 25 graus.

— Temperatura mínima média para o mês 23 graus.

— Humidade máxima 97 por cento.

— Humidade mínima 75 por cento.

— Vento predominante WSW com velocidade média 13 Km/h.

— Vento máximo de Sul com velocidade 56 Km/h.

— Precipitação das zero às 18 horas 34,8 milímetros.

As cápsulas vêm aí

Cicer vai reiniciar a venda de cerveja

A companhia Industrial de Cervejas e Refrigerantes (C.I. C.E.R.) cancelou novamente, desde há algum tempo, a comercialização dos seus produtos devido à escassez de cápsulas, como vem acontecendo ultimamente.

Segundo fontes ligadas àquela sociedade, espera-se poder reiniciar esta operação dentro de uma semana pois que o grosso das cápsulas deverá chegar a Bis-

sau no próximo navio. Entretanto, na quarta-feira passada chegou uma remessa bastante reduzida deste produto «que não chega mesmo para nada, na medida em que veio de avião» — informaram-nos. As mesmas fontes indicaram ainda que o problema não ficará resolvido definitivamente.

Interrogados sobre a viabilidade de aquisição de uma máquina para fazer cápsu-

las os responsáveis da CICER precisaram que para fabricar este produto, uma máquina só não chega. É necessário criar uma indústria no país somente com esta função o que, segundo eles não é fácil, pelo menos neste momento, porque seria dispendioso. «Portanto, temos que ir remediando assim e esperando que o Banco autorize a compra deste produto no estrangeiro».

Combustível para a LIA

A paralização dos voos domésticos da nossa Companhia de Transportes Aéreos (LIA) poderá ser ultrapassada no início da próxima semana, em consequên-

cia das diligências empreendidas pelo nosso Governo, declarou o camarada Carlos Gomes Júnior, director da Sociedade de Distribuição de Combustíveis e Lu-

brificantes (Dicol) após ter regressado de Dakar, para onde se deslocara com a finalidade de resolver esta questão o mais rapidamente possível.

Durante a sua estadia em Dakar, este responsável manteve conversações junto da BP senegalesa sobre questões relacionadas com o fornecimento de combustível para o nosso país, tendo-se acordado o envio, no próximo domingo, de um carregamento de cerca de 20 mil litros de combustível destinados à LIA.

Essa remessa constitui o primeiro fornecimento regular de combustível por parte do Senegal ao nosso país, no quadro das relações de cooperação existentes entre os dois Governos.

Cinema

UDIB — Matinée — «Guerra no espaço» para maiores de 12 anos.

Soirée — «O Tesouro das Piranhas» para maiores de 13 anos.

BAIRRO DE AJUDA — «O clã dos Sicilianos» para maiores de 13 anos.

Farmácias

HOJE — «Higiene» — Rua António N'Bana, telefone 212520.

AMANHÃ — «Farmedi 1» — Rua Guerra Mendes, telefone 212460.

SEGUNDA-FEIRA — «Moderna» — Rua 12 de Setembro, telefone 212702.

TERÇA-FEIRA — «Farmedi 2», — Bairro de Belém, telefone 213473.

Combatemos para viver

«Estamos conscientes das nossas limitações em recursos militares, mas decidimos bater pela nossa liberdade até ao fim, e morrer por isso se for necessário» — disse ultimamente numa entrevista, o líder da Organização de Libertação da Palestina, Yasser Arafat, quando interrogado se a OLP ia ou não abandonar Beirute. Hoje, o nosso entrevistado, o embaixador da OLP em Bissau, lembra isso, para caracterizar o estado de espírito dos combatentes dirigidos por Arafat.

Esta entrevista com o camarada Mohamed El Alami, que concluímos hoje, concentra-se numa análise da conjuntura político-militar que envolve a luta do povo palestino contra a agressão israelita.

A descrição dos objectivos sionistas neste genocídio que vem cometendo em Beirute é a nossa questão de abertura, pelo que Mohamed El Alami foi direito ao assunto, pois «quando Israel invadiu o Sul do Líbano matando dezenas de milhares de pessoas, capturando mais de 15 mil cidadãos e chegando mesmo aos arredores de Beirute, tinha realizado uma boa parte dos seus objectivos militares».

Como se sabe, Israel teve sempre ambições no Líbano e, segundo El Alami, o objectivo principal seria a liquidação da OLP obrigando-a a entregar as armas para depois expulsar a sua Direcção para um outro país árabe não limítrofe ou seja, torná-la uma organização política fraca obrigada a aceitar qualquer solução. Paralelamente a isto, impôr uma retirada completa das forças sírias presentes no Líbano no âmbito das forças árabes de dissuasão, controlar o governo libanês através do partido dos KATAIB, e impôr a assinatura de um acordo semelhante ao de «Camp-David».

Os objectivos económicos visam a abertura das fronteiras aos israelitas para o escoamento das suas mercadorias para essa área estabelecendo um mercado livre no Líbano, ao mesmo tempo que iria controlar o rio Litani para se abastecer com os seus recursos.

O embaixador da OLP salienta que «Israel ameaçou manter a sua presença em Beirute se esses objectivos não forem alcançados. Perante esta situação — acrescenta — os libaneses dividem-se em dois grupos: os nacionalistas que rejeitam completamente essas ambições e permanecem nas mesmas trincheiras conosco, enquanto os separatistas colaboram com Israel».

«Nós os palestinos, do nosso lado, recusamo-los completamente e estamos determinados a libertar a nossa Pátria. Nós não estamos contra a paz, mas recusamos a capitulação, e combatemos para viver em paz ou morrer com honra».

O camarada Mohamed El Alami, observando a questão sobre

a posição dos Estados Unidos sobre a presente conjuntura, afirmou-se convencido de que os objectivos israelitas atrás citados, «foram e são ainda aceites pelos EUA que apoiam Israel política e militarmente, e é o único país que utiliza o «veto» no Conselho de Segurança da ONU a favor de Israel».

«Os Estados Unidos — realçou Alami — que afirma apoiar os povos oprimidos, ainda não quis ouvir-nos e, para podermos encontrar qualquer responsável norte-americano, dão-nos a condição de reconhecer primeiro o Estado sionista. Portanto, os EUA não nos escondem a sua inimizade. As declarações dos seus dirigentes significam que estão de acordo com a invasão do Líbano».

«A SOLIDARIEDADE ARABE»...

Para o «Nô Pintcha», a tão necessária solidariedade e unidade árabes para um «volte-face» da situação, poderiam ser conseguidas através de uma intensa ofensiva diplomática da OLP

e os seus aliados, mas para o representante palestino, com muito lamento, digo que existe grande diferendo entre os países árabes».

Sem precisar tal diferendo, continuou por outras palavras: — a solidariedade e a compreensão entre os árabes são quase inexistentes, e nós somos vítimas disso. Neste momento, estamos praticamente sozinhos na batalha. É a primeira vez que Israel chega a uma capital árabe, enquanto os outros países árabes ficam indiferentes. É o exemplo de 1948 que se está a repetir e, neste caso, convém recordar que, depois daquele acontecimento, os povos árabes têm vindo a julgar os seus chefes e a castigar os seus traidores».

«Quanto a nós — acrescenta ainda Alami — deixámo-los com o julgamento da história e dos seus povos em que depositamos grande confiança. Possivelmente sairemos enfraquecidos desta guerra, mas, de certo que é impossível exterminar-nos. Continuaremos a resistir para alcançar a vitória».

Conforme o embaixador da OLP, 1948 foi o ano da dispersão do povo palestino e, em seguida, vieram os anos do mandato israelita. O segundo levantamento do povo palestino foi em 1965. Em 1967, Israel quis subordinar os países árabes, e na altura o seu ministro da

Defesa disse: (estou à espera que os presidentes árabes nos telefonem).

Em 1968, os sionistas quiseram liquidar a OLP na batalha de Karame, e o seu então ministro da Defesa diria também: (os palestinos são como um ovo na minha mão que posso quebrá-los quando quiser), mas, posteriormente, descobriu que estava enganado.

Em 1970 Israel invadiu os palestinos na Jordânia, e em 1978 invadiu o Líbano para liquidar a OLP. Contudo, a vanguarda do povo, saía cada vez mais fortificada. Pode-se aqui, então, aplicar o provérbio árabe (o golpe que não te mate, fortifica-te).

Depois destas considerações de carácter histórico, a nossa entrevista concentrou-se sobre um dos pontos principais do conflito «a retirada das forças da OLP do Líbano». A Organização de Libertação da Palestina apresentou sobre isso as seguintes propostas que o camarada Alami nos enumerou:

- 1 — Cessar-fogo; 2 — Convocação de forças internacionais; 3 — Retirada de Israel até 10 km; 4 — Regresso dos palestinos às tendas; 5 — Garantir a segurança das tendas por parte das forças internacionais; 6 — Cumprir os acordos, em particular o acordo líbano-palestino acerca da situa-

ção em Beirute e no Líbano em geral;

Justificando esta posição do seu partido Mohamed El Alami disse: «Nós somos hóspedes no Líbano. Não temos quaisquer ambi-



Mohamed El Alami, em

ções nem no Líbano nem noutro país. Mas recusamos qualquer proposta visando dar-nos outro território que não seja a nossa terra. Os próprios irmãos libaneses sabem-no».

A questão sobre uma suposta superioridade militar do inimigo, face tanto a OLP como ao Médio-Oriente em geral, mereceu do nosso entrevistado a devida atenção:

«É verdade que Israel tem uma grande força

Rio Koliba-Corubal: Bissau parti

O Comité Técnico Permanente do Projecto Regional de Aproveitamento do rio Koliba-Corubal, reunido em Conakry de 2 a 9 do corrente mês, elaborou um projecto de regulamento que será submetido ao PNUD para apreciação e finalização, antes da sua aprovação pelos dois Governos. O documento refere-se aos órgãos directivos do Projecto, à contribuição dos dois Governos e às tarefas consideradas prioritárias, nomeadamente, o estudo cartográfico e formação de quadros.

Assim, segundo o documento, a contribuição dos dois Governos para

o triénio 1983/1985, tempo de duração do Projecto, é estimada na ordem de 750 800 dólares americanos. A Guiné-Bissau entrará com a soma de 380 000 dólares, repartida em 12 mil contos para terrenos; 900 contos para edifícios e instalações; fornecimentos e material, 3 600 contos, sendo 2 300 para material e materiais de construção e outros. Os combustíveis e lubrificantes abarcam 940 contos, enquanto 360 contos são destinados à rubrica de diversos.

Os órgãos directivos do Projecto são constituídos pelo Comité Téc-

nico Permanente dirigido pelo Director-Geral do Instituto Nacional de Energia, por parte da Guiné-Bissau, e pelo Director-Geral da Hidráulica, por parte da Guiné-Conakry, dela fazendo parte técnicos dos departamentos ligados à área, coadjuvados por peritos do Programa da ONU para o Desenvolvimento — PNUD. Uma Direcção do Projecto, constituída por dois directores, um por cada Estado, e um conselheiro técnico principal do PNUD e duas brigadas hidrológicas, um por cada Estado, servindo de órgãos de apoio, completam o elenco directivo do Projecto, com du-

ração de três anos e cuja sede é Bissau.

CARTOGRAFIA: A PRIORIDADE DAS PRIORIDADES

Segundo o relatório da missão apresentado pela delegação guineense ao encontro de Conakry (além do Director-Geral do INE incluía ainda os camaradas João Gomes Cardoso, Director dos Recursos Hídricos do Ministério dos Recursos Naturais e Gabriel Gomes, do Secretariado de Estado do Plano e Cooperação Internacional) os estudos cartográficos merecerão da parte dos dois Estados uma atenção particular, visto serem de importância capital

para o avanço dos trabalhos. Isso porque, existe por um lado a questão do nivelamento e ligação das nossas coordenadas ao sistema da África Ocidental, através do Senegal e da Guiné-Conakry, e por outro, impõe-se fazer a cartografia à escala conveniente para toda a bacia, para efeitos da elaboração do modelo matemático, estudos esses que além de durar muito tempo são relativamente caros.

A agravar a situação, coloca-se o problema da dispersão e descoerência dos mapas e cartas existentes, ou ainda da falta de rigor de alguns, pelo menos no que se refere aos objectivos do projecto. Deste modo,

o Comité encara a possibilidade de preparar os termos de referência relativos à cartografia uma vez que o seu período de execução trapassa a duração do projecto do PNUD, pelo que se a necessidade conseguir nova fonte de financiamento. No sentido, proceder-se à recolha de todos os dados cartográficos existentes nos dois países com possível aproveitamento das acções no momento em curso do domínio, em zonas complementares ou próximas da bacia do rio Koliba-Corubal. Um memorandum relativo ao assunto será apresentado pelo CTP para a decisão e decisão su-

Semana Cultural "José Carlos Schwartz"



Criar condições para a livre manifestação do potencial cultural

Após a abertura solene da Semana Cultural em homenagem a José Carlos Schwartz, o Primeiro-Ministro, camarada Victor Saúde Maria, salientou que «esta louvável iniciativa, que mereceu o incondicional apoio do Partido e de todas as instituições do Estado, é uma prova evidente da comum vontade de não só preservar, mas também desenvolver e enriquecer, (cada vez mais), o património sócio-histórico e cultural do nosso Povo».

Após render uma vibrante homenagem à memória do jovem artista e combatente que foi o camarada José Carlos, o chefe do Governo endereçou vivas felicitações ao Ministério da Informação e Cultura e, em particular, ao seu primeiro responsável, o camarada Filinto Barros, bem como a todos aqueles que, directa ou indirectamente, contribuíram para a realização desta Semana em sua honra.

«O camarada José Carlos foi, durante a sua vida — infelizmente tão curta — um dos fiéis continuadores dos valentes filhos da nossa terra que resistiram tradicionalmente a toda e qualquer tentativa e forma de submissão e alienação, nomeadamente, cultural», — salientou o camarada Victor Saúde Maria frisando que José Carlos soube utilizar de maneira eficaz e oportuna o valioso instrumento que detinha nas mãos: a sua vocação artística, nomeadamente a música e a poesia.

O Primeiro-Ministro reconheceu que quando todos os esforços e meios são quase exclusivamente de carácter económico e financeiro, infelizmente, faz esquecer, à mude, a importância de uma constante e simultânea valorização do património cultural e do estímulo do processo de afirmação cultural, «pois estamos convictos de que o verdadeiro desenvolvimento, tendo como centro o Homem, significa também a sua libertação, afirmação e realização como Homem Novo».

Embora tenhamos inúmeros problemas para resolver, o chefe do Governo afirmou a sua resolução, mais do que nunca, nas nossas tarefas de desenvolvimento não só ter em conta os valores calculáveis, mas também os imensos valores humanos e culturais do nosso povo.

«Devemos ser capazes de criar condições permitindo a livre manifestação das nossas potencialidades culturais e a exploração, em benefício do nosso povo, das riquezas perduráveis do nosso património cultural, pois não basta ter potencialidades e possibilidades, mas sim favorecer a sua realização e o seu desenvolvimento constante» — concluiu o camarada Victor Saúde Maria estimulando ao aparecimento e afirmação de dezenas, centenas e milhares de José Carlos, de jovens corajosos, honestos trabalhadores capazes de pôr a sua energia, inteligência e capacidade criadora ao serviço do nosso povo e da Nação.

Foi um completo sucesso

— disse o Ministro da Informação e Cultura

O camarada Filinto Barros, ministro da Informação e Cultura fe-

licitou-se pelo sucesso da Semana Cultural em homenagem a José Car-

los Schwartz, realizada de 21 a 27 de Maio passado.

da pasta da Informação e Cultura falou sobre exposições de desenho, pintura e artesanato brevemente em Gabú, Bafatá, Bola-

Aquele membro do Governo procedia, na Casa da Cultura, à distribuição dos prémios aos vencedores dos concursos feitos durante a Semana.

Ele elogiou a organização e a disciplina bem como a grande participação de artistas e demais interessados nesta Semana. Louvando por um lado, o nível do trabalho apresentado em Artes Plásticas, o camarada ministro lamentou, por outro lado o nível literário «bastante fraco» verificado nos Jogos Florais.

Para Filinto Barros, a geração de José Carlos preocupou-se mais do que esta geração em retratar, em criticar a nossa vida social. No entanto, apontou José Manuel, Dulce e Janota como exemplos actuais que nos foram dados ver durante a Semana Cultural.

Sobre o apoio que o seu Ministério poderá dar aos artistas, o titular



ma e Cantchungo, e posteriormente no estrangeiro. A par disso, incumbiu a Casa da Cultura da missão de incentivar aqueles que tenham vocação literária.

E voltamos!

A paralização (que atingiu) o Jornal «Nô Pintcha», implicou também o desaparecimento temporário do «bambaram» como seu Suplemento Cultural.

Depois de mais de um mês, as máquinas da Imprensa já estão a funcionar e o «bambaram» volta, quinzenalmente aos sábados, às mãos dos leitores.

Causará admiração a insistência na publicação de extractos sobre a «Semana Cultural em homenagem a José Carlos Schwartz», quando ela foi realizada desde Maio passado. As razões são claras: o sucesso da semana permitiu concluir que mais do que nunca é necessário prosseguir e aumentar o número de tais manifestações. E isso com o louvável apoio dado — e a dar — pelas estruturas competentes.

O «bambaram» volta ao público. É esta a nossa missão. Só temos a lamentar que as pessoas não tenham sido tão receptivas ao apelo que lançámos no 1.º número, de uma colaboração estreita entre o Suplemento Cultural e os seus leitores.

Continuamos, no entanto, esperançados para podermos voltar cada vez com mais força.

Espectáculos:

A ausência do teatro

O Salão de Congressos esteve à cunha nos dias da Semana Cultural em que se apresentaram espectáculos musicais, confirmando a importância de tais manifestações.

Lamentavelmente, não se pôde tirar a prova do grau de aceitação do teatro. Para além do «ballet» nacional «Esta é a Nossa Pátria Amada» estava programado levar à cena a peça «Sufridur ca ta padi fidalgo», de Beto Vaz.

O «ballet» nacional conseguiu fazer — mais uma vez — lotar o salão, apresentando trechos da segunda parte de «Okinka Pampa». No entanto, é bem palpável o enfado que a repetição está a provocar no público. As interrogações dirigem-se sobretudo, às possibilidades que podem ser dadas ou não àquele grupo com vista a um salto qualitativo do seu trabalho, permitindo-lhe ultrapassar o marasmo de há anos apresentar esta única obra: «Okinka Pampa» (I ou II parte). Pretendendo ser um grupo nacional de «ballet», vê-se contudo, que «Esta é a Nossa Pátria Amada» há longo tempo deixou de fazer investigações — principal apoio do trabalho artístico — sobre cantigas e danças das

nossas populações. Acrescente-se-lhe as condições salariais e materiais precárias em que se equilibram os membros do grupo, um empecilho ao recrutamento de novos elementos.

Quanto a Beto Vaz, lamentámos que questões de ordem técnica tenham tolhido a re-

presentação de «Sufridur ca ta padi fidalgo».

O compositor Adriano Ferreira (Atchutchi) deu a um novo conjunto a interpretação das suas músicas que cabia, até agora, ao «Mama Djombo». A falta de mais ensaios terá permitido a nota negativa na actuação deste gru-

po formado por elementos de vários conjuntos.

Resta-nos louvar a boa vontade da «Velha guarda» e dos alunos da Escola de Música, em participar, na Semana sem esquecermos o incansável Rui Borges (Pantcho) na apresentação dos espectáculos, bem como todos os artistas que actuaram.



De onde vem o termo SAHEL

O termo SAHEL é árabe. Significa o «litoral». Este litoral era a zona que costeava o Sahará ao Sul e que formava como que uma margem, o litoral do deserto. A palavra SAHEL foi aplicada também à costa do Atlântico pelos Mouros do Adrar mauritaniano. O Sahará, local de passagem de caravanas que atravessavam a África do este a oeste, teve a mesma importância que os rios navegáveis tiveram para o transporte de mercadorias.

(Elysée Reclus, Geografia Universal)

Antes de partir

Antes de partir

Encherei os meus olhos, a minha memória
Do verde (verde, verde!) do meu País
Para que quando tomado pela saudade
Verde seja a esperança
Do regresso breve
Antes de partir.

Encherei os meus ouvidos, a minha memória
Do palpar que esmorece, enquanto a noite
Cresce sobre a cidade e que no campo
Feito o silêncio dos homens e dos rádis...

Riso congelado ...

ILHAS DAS GALINHAS

Fala-se com insistência na institucionalização do dia 2 de Maio (data em que os últimos presos políticos deixaram a Ilha das Galinhas) como o dia de romaria anual à antiga colónia penal. E porque não pensar numa Associação de antigos presos políticos?

A BANDEIRA NACIONAL

Na Ilha das Galinhas admirámos por não ver a bandeira nacional hasteada no centro do que foi a

colónia penal. O responsável do Comité respondeu que não era por nada, simplesmente não tinham uma bandeira para hastear...

COISAS IMPORTANTES

Advinhem quais são as coisas («importantes») que terá que haver para que um espectáculo tenha êxito? Já todos devem ter adivinhado que são as cervejas e os petiscos. Alguém comentou que só estes dois produtos se encarregavam de fazer vender metade dos bilhetes...



Romagem ao cemitério

No dia 27 de Maio, uma importante delegação deslocou-se em romagem ao Cemitério Municipal para uma homenagem a José Carlos Schwartz.

Dirigentes do Partido e do Estado, homens da Cultura e pioneiros foram depositar uma coroa de flores na campa daquele que é considerado

o «pioneiro da música moderna guineense».

Depois de breves palavras pronunciadas pelo camarada Mário Cabral,

do Secretariado do CC do PAIGC, os artistas Aliu Bari e os irmãos Kanoté cantaram em homenagem ao saudoso José Carlos.

Irmãos Kanoté

São sete e formam a jovem guarda de «djidius» da família Kanoté de Bafatá. Cinco rapazes que tocam varios instrumentos (da viola ao balafon) e duas raparigas, nomeadamente a já famosa Fatú, cantam

Apesar de descenderem de uma tradicional família de «djidius», os jovens Kanoté só agora começam a ser conhecidos pelo público de Bissau. Em Bafatá já actuaram muitas vezes, a convite do Comité de Estado regional. A sua primeira aparição ao público bissauíno foi durante o 1.º Congresso Extraordinário do PAIGC. Depois, fizeram parte da delegação cultural que acompanhou o Chefe de Estado às Repúblicas da Coreia (Norte) e da China. recentemente, participaram activamente na Semana Cultural em homenagem a José Carlos Schwartz.

Como vêm o futuro, os irmãos Kanoté? Alguns estudam, outros não, gostam todos de cantar e de tocar e esperam que a Direcção da Cultura lhes dê ainda mais apoio sobretudo ajudando na aquisição de instrumentos musicais eléctricos. Fatú, a principal vedeta, diz sentir-se à vontade no palco diante do microfone, e vai fazer esforços para tornar uma grande artista como os seus antepassados.

Instados, finalmente, sobre a semelhança da melódica das suas músicas e a dos conjuntos da vizinha Guiné, os irmãos Kanoté responderam que tocavam música mandinga genuína.

Recordar o "Campamento"

Cerca de quarenta pessoas formaram a delegação que, às 10 horas da manhã do dia 25 de Maio, saiu de Bissau em viagem de romaria à Ilha das Galinhas.

O sol abraçava e o barco não tinha toldo que chegasse para todos.

Membros do Partido e do Ministério da Informação e Cultura, antigos presos políticos e artistas foram render homenagem a José Carlos Schwartz e a todos aqueles que, como ele, sofreram as masmorras colonialistas pelo seu empenho na Luta de Libertação Nacional.

Uma certa expectativa melancólica desenhava-se no rosto de alguns dos antigos presos — percorrer de novo as mesmas milhas, desembarcar e caminhar até à Colónia Penal.

Por um terreno arenoso, a barriga a dar horas do pós-meio-dia, seguíamos quase em fila indiana, em passos rápidos, a curiosidade a atrair-nos.

Durante o percurso, os que sabiam apontavam: esta é a ilha tal, aquela chama-se assim, esse é o caminho para Bolama, etc. Era surpreendente deslindar aquele emaranhado de ilhas do reino dos Bijagós.

Cuidado com as cobras! — todas as cabeças se empinaram, os olhos abriam-se e começámos a andar com pezinhos de lã, não fosse alguém pisar um desses bichos. A propósito, surgiram as anedotas, as explicações, as gargalhadas. Os terçados batiam e rebatiam na mata de palmeiras, desbravando campo perto da colónia, para abrir a pista de aterragem de aviões. Um tronco, grosso, negro, uma raiz que, por instantes se atravessa no caminho do terçado. A mão avança, firme, segura e o «tronco» estremece. «Uma cobra!» — a boca no mundo, escancarada, com os dentes à mostra. e presos e guardas largam tudo e competem num recorde de velocidade.

O barco fazia uma aproximação vagarosa, envolvente. A neblina desaparecia, impondo-se, cada vez maior, a ponta nordeste da Ilha das Galinhas.

Passámos o arame felpado e, mais dois passos, o edifício do refeitório e eis-nos no centro do malfadado «Acampamento». Dois pavilhões onde eram atulhados cerca de

um milhar de presos, à esquerda; à direita uma residência; à frente, a imponente mansão que era a casa do chefe e da guarda, no centro, a praça com a sua rotunda e a haste para a bandeira.

Um serviço «camarário» tinha por missão manter sempre limpo o centro e arredores. Ametite. Será aqui que vamos desembarcar? Não, dali à Colónia são sete quilómetros. É mais à frente, em Ambacanã!

«O comandante ordenara a limpeza do terreno para a pista de aviões, mas havia um lado que fazia uma grande cova. Então disseram: peguem nas enchadas, nos carrinhos e toca a cavar e a transportar a terra daquele lado para vir tapar a cova, deste lado. E quem não aguentasse era atirado para a cave da casa grande». Apontou uma porta da altura de pouco mais de um metro, de onde respondeu um mugido de vaca.

A letargia tomava conta dos corpos. A viagem era longa mas já

se via a praia de Ambacanã.

Caras solenes, emocionadas. Junto à bandeira descerrava-se uma placa de bronze em memória a José Carlos. Titubeante. Malam Daram disse então que durante o Governo de Luíz Cabral muitas vezes tinham pedido uma oportunidade para ir à Ilha das Galinhas mas sempre disseram «não», mas que era importante esta romaria «para nós que fizemos a luta clandestina», e agradeceu os habitantes da ilha «que nos ajudaram muito e connosco sofreram, porque conforme o Partido ganhava mais força, maior era a repressão aqui».

Enfim, a terra. A areia branca, uma casa de zinco mais ao fundo. No cimo do promontório a tabanca. O mar calmo, convidava a nadar.

Lágrimas surgiram nos olhos quando Aliu Bari, preso político e companheiro de José Carlos desde o «Cobiana Jazz», pegou aqui, na viola, e cantou «Tchora Pena».

O barco aproximava-se com o motor quase «au relanti». Um marinheiro media a profundidade.

A ordem era estranha: abrir aquela grande vala. Para a chuva era grande demais. A vala ficava perto da casa grande e a sua abertura começou a suscitar interrogações alarmantes. Ainda bem que se deu o «25 de Abril»!

— Mais para a direita! Devagar!

Regressámos em passo acelerado para a tabanca. O dia estava quase a findar. Tínhamos fome e estávamos cansados. Apetecia comer e depois estender-se na areia. A maré está vazia. Só encheria às 11 horas da noite...

— Cuidado! O aviso veio tarde. Fomos todos jogados para trás. No meio dos risos passava o susto e surgia a preocupação: tínhamos encailhado a escassos metros da praia.

...E, às 11 da manhã, do dia seguinte, conseguimos embarcar de regresso a Bissau.

Aqui viveu...

«Aqui viveu José Carlos Schwartz, artista, poeta e pioneiro da música moderna guineense de 12 de Dezembro de 1972 a 28 de Março de 1973» — diz a placa de bronze descerrada junto ao poste da bandeira. Por trás, o símbolo da presença repressiva colonial.

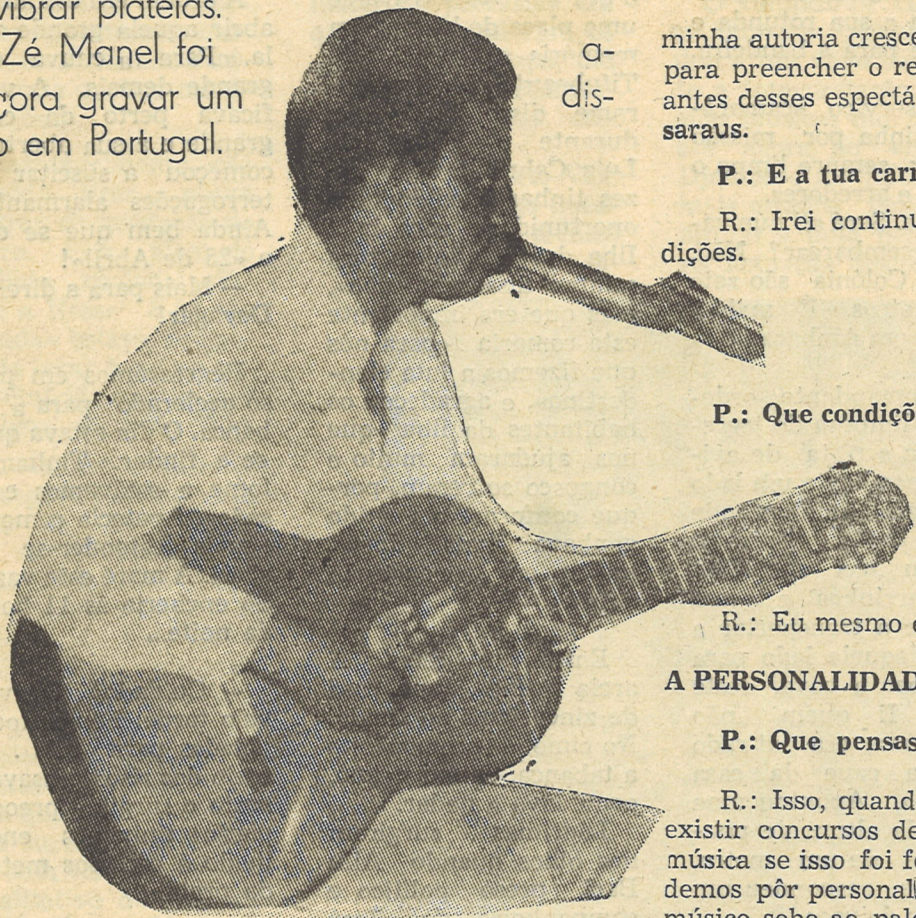
A voz de Bafatá



Compositor, cantor, baterista, tocador de viola.

José Manuel Fortes — O Zé Manel — cujo aguçado sentido crítico expresso na composição poética das suas músicas, tem feito

vibrar plateias. Zé Manel foi agora gravar um disco em Portugal.



P.: O que significa para ti ser artista?

R.: Um artista é uma personalidade de uma arte, neste caso da arte musical, que serve para inspirar espiritualmente um sentimento interno como uma personalidade dessa arte.

P.: Quando cantas que procuras?

R.: O que sinto, e pelo carácter das músicas, procuro politizar e organizar as músicas de protesto. E quando falo de música de protesto defino tudo.

P.: Em contrapartida foste criticado pelo teu reportório de músicas «românticas»...

R.: No seu romantismo, só eu tenho culpa porque fui eu que deu um passo um pouco longo demais, porque eu deveria ter em conta o nível do público. Esse romantismo é um sentimento espiritual, portanto, no nosso seio, teremos que buscar um nível um pouco superior ao do nosso público, para podermos compreender o sentido delas. O público está habituado, há muito tempo, a escutar só músicas políticas, políticas, só políticas e eu entrei bruscamente nesse meio com cantigas românticas.

P.: Pensas continuar com este estilo de composições românticas para de facto, mostrares ao público uma outra faceta da tua música e manter-te-ás só nas canções de protesto?

R.: Não sei se serão românticas ou de protesto. Sei é que continuarei a cantar o que vejo estar bem ou mal dentro da sociedade.

P.: Que defines como música romântica ou de protesto?

P.: Tu mesmo é que lhes chamaste «músicas românticas». Foram aquelas que apresentei na UDIB, «músicas de amor», e tal.

P.: E canções de protestos?

R.: Estas, como tu mesmo as situaste, foram aquelas apresentadas no primeiro espectáculo que dei.

P.: Porque te decidiste a cantar a «solo»?

R.: Comecei a cantar sozinho porque comecei a criar, a compôr. Na orquestra em que trabalho há muitos compositores. O número de músicas da

Zé Manel

O público está habituado só a músicas políticas

a-
dis-
minha autoria cresceu até que pensei ser suficiente para preencher o reportório que já escutaste. Mas antes desses espectáculos já tinha participado em saraus.

P.: E a tua carreira, irás continuá-la sozinho?

R.: Irei continuar sozinho conforme as condições.

P.: Que condições?

R.: Eu mesmo é que irei criar essas condições.

A PERSONALIDADE DO MÚSICO

P.: Que pensas dos concursos musicais?

R.: Isso, quando foi feito, foi ridículo. Devem existir concursos de poemas, etc., mas a nível da música se isso foi feito foi errado, porque não podemos pôr personalidades a concorrer (quando um músico sobe ao palco expõe a sua personalidade ao público). Isso existe no mundo capitalista, mas no mundo socialista não pode existir. Pode-se, talvez fazer um encontro de artistas.

P.: Sim, mas existe concorrência, por vezes não muito salutar, entre orquestras e artistas do nosso país. Tu mesmo tens uma canção que se refere a isso...

R.: A música intitula-se «formados sem forma» (mais ou menos isto: formados sem o terem sido) e explica muito bem este problema. Porque se isso existe é nas pessoas com isso na ideia desde a era colonial. E essas pessoas são aquelas que não procuram aumentar os seus conhecimentos, elevar o seu nível de cultura. Tal situação passa-se até agora entre os artistas, e muitos...

P.: Como pensas que se poderá acabar com este tipo de relacionamento?

R.: Só os próprios artistas poderão acabar com isso. Como está em estudo o agrupamento de todos os artistas sob a Direcção da Cultura, talvez se consiga daí qualquer coisa.

P.: Que planos para o futuro? Para já tens um disco...

R.: É um duplo-album intitulado «Testemunho di ahonti-bar dadi di ahós» que incluirá aquelas músicas que, normalmente se podem escutar na nossa Rádio, e outras que serão novidade. Ele será gravado em Lisboa.

P.: Quem financia?

R.: A Casa da Cultura.

P.: Sobre as surpresas, és acusado de usar e abusar um determinado tipo de melodia para as tuas canções.

R.: As pessoas dizem isso, e eu aceito e fico contente quando me fazem críticas ao meu trabalho. Mas se analisares as músicas que cantei nos espectáculos verás que não são bem iguais. Será talvez um estilo de cantar a que as pessoas estão a entender como repetição de melodias. Porque se escutares o José Carlos, ele tem o seu estilo de cantar e quem o quiser imitar é logo reconhecido, o mesmo caso para o Ernesto Dabó. Mesmo assim não recuso a crítica.

P.: Quais são as tuas fontes de inspiração?

R.: São o dia-a-dia, através das minhas experiências, das experiências de certas pessoas que admiro, e também nas músicas populares. Ao fim e ao cabo estou ainda a investigar porque comecei há pouco tempo. Por exemplo, daqui para diante vou começar a fazer o seguinte: uma música em crioulo que tenha um grande impacto, vou traduzir o seu verso para o idioma dos grupos linguísticos mais populosos. As melodias, em cada língua, sofrerão influências da orquestração tradicional de cada um desses grupos.

P.: Generalizando, como achas a situação do artista aqui na Guiné-Bissau?

R.: A sua situação é um bocado «rija», porque eles têm pouca atenção da parte do Estado. Na entrevista que dei recentemente à Radiodifusão Nacional eu disse que os artistas tinham muito pouco apoio, mas as entidades superiores acham que houve sempre apoio, ou que um ou dois agrupamentos tiveram sempre apoio. Mas se este ou aquele agrupamento foram privilegiados esses podem representar uma parte da Guiné-Bissau mas não o seu todo. E se continuamos assim nunca mais avançamos. Porque a música é um grande campo, como Rádio e o Jornal são um vasto campo de informação.

Posso compôr agora uma música que ganha a sua personalidade própria e «fica na história». Por exemplo, durante a Luta Armada de Libertação Nacional, o papel que a música tinha na mobilização, vemos que ela é uma grande arma, mas actualmente não se considera assim, vemos que há um desleixo, em que os próprios músicos são chamados de «bandido», de gente que quer implantar-se na vida através da música.

P.: E como pensas que o Estado poderá ajudar os músicos e os artistas em geral?

R.: Da mesma forma que se apoia o «Ballet», que é uma pequena ajuda mas já é alguma coisa. Por exemplo, que seja criado junto à Direcção Geral da Cultura um departamento com delegações nas regiões para resolver os problemas dos músicos. É um estímulo, como durante o tempo em que havia aquele Departamento das Artes da Cena, chefiada pelo Carlos Vaz, que não dava um estímulo, quer dizer — pelo menos essa não era a solução — quando se faziam aqueles espectáculos, etc., mas isso dava um estímulo pois os artistas começaram a aproximar-se, começaram a surgir. Mas, de repente, houve uma quebra.

P.: E no que respeita a qualificação do artista?

R.: Acho que isso pode ser feito através de uma formação no estrangeiro. O artista terá que frequentar a Escola de Música, aqui em Bissau, para ter uma pequena base de conhecimentos, e só saindo depois disso. E a Escola de Música pode tomar a responsabilidade de ajudar a dar aos artistas essa base. Porque um artista por mais vontade, por mais dom que tenha, se não tiver uma formação não irá para a frente. Não é arranjar instrumentos que se resolverá o problema dos artistas. O Estado tem muitas dificuldades, é certo, e há coisas de maior necessidade a que terá de dar atenção, mas talvez não seja isso que justifique este grande abandono no que se refere aos músicos.

P.: E nunca pensaste numa situação alternativa a esta dependência do artista perante o Estado?

R.: A alternativa é a que se tem estado a ver vários grupos, separados, e que trabalham. Mas esse não é a solução, porque há muito tempo os artistas enveredaram por essa via. Há algum tempo atrás fazia-se um festival e apareciam 14 a 15 conjuntos. Agora quantos aparecem?

P.: Uma última pergunta: porque te cantaram «Zé Manel lã de Polon na bento»?

R.: (Depois de muita hesitação, muito riso) — Bem, analise-se pelo poema da canção...

em paz

militar. O imperialismo é que lhe fornece essa força. Antes era apoiado pela Grã-Bretanha e pela França, hoje é adoptado pelos EUA. Deste país, o Estado sionista recebe

americanos, nem os guineenses eram mais fortes que os colonialistas portugueses...

«São os homens que realizam a vitória — conclui. Nós só temos armas ligeiras. Não temos Forças Armadas. Somos simplesmente combatentes revolucionários e a guerra revolucionária não exige aviões ou tanques».

A concluir a nossa entrevista, Mohamed Alami, embaixador da OLP na Guiné-Bissau, sublinha a questão da «superioridade militar»:

«Não é impossível que a OLP venha a repelir os invasores israelitas. Já os enfrentámos várias vezes e conseguimos até perseguir-lhes. Temos já registadas várias vitórias, nomeadamente na batalha de Karama e no Sul do Líbano em 1978».

«Israel busca por todos os meios liquidar a OLP, o que significa que ele vê a OLP como um perigo iminente. Somos mais fortes do que se pensa. Possivelmente perderemos temporariamente as terras, perderemos muitos combatentes e civis, mas a nossa decisão firme reforça-se cada vez mais para a vitória final. A história registará com letras de sangue a vitória do povo palestino como já fez para com os povos da Ásia, da América Latina e da África, para com todos os povos amantes da liberdade».

ador da OLP na Guiné-Bissau

uma ajuda anual de 4 bilhões de dólares, sendo a maior parte não-reembolsável. Em 1956, o motivo da sua agressão ao Egipto era um diferendo entre sionistas de um lado, e a Grã-Bretanha e a França do outro».

Na guerra, a superioridade militar não constitui lógica. Factos bem evidentes levaram o camarada Alami a estabelecer uma comparação: «os vietnamitas não eram mais fortes militarmente do que os

Afeganistão: A nova reforma agrária

Afeganistão, o «país das montanhas» tem mais de metade do seu território ocupado pelos contrafortes do Indokuch e de outras cadeias montanhosas. Nestas condições, são poucas as terras fáceis de cultivar, ao que acresce a pesada herança feudal das relações de produção no campo, que privava da terra a quem a trabalhava. Para o governo do país, a reforma agrária era pois um ponto prioritário, logo após a revolução de Abril de 1978. Contudo, essa primeira etapa não se saldou em resultados desejados. Como assinalou Babral Karmal, o «voluntarismo, o desprezo pelos credos religiosos, tradições e costumes, bem como a incompreensão das condições específicas da sociedade e a subestimação do nível de preparação social, política e organizativa do campesinato para receber a terra, originaram graves conflitos que, para serem corri-

gidos, exigiram uma mudança radical».

REGRESSO AO PONTO ZERO

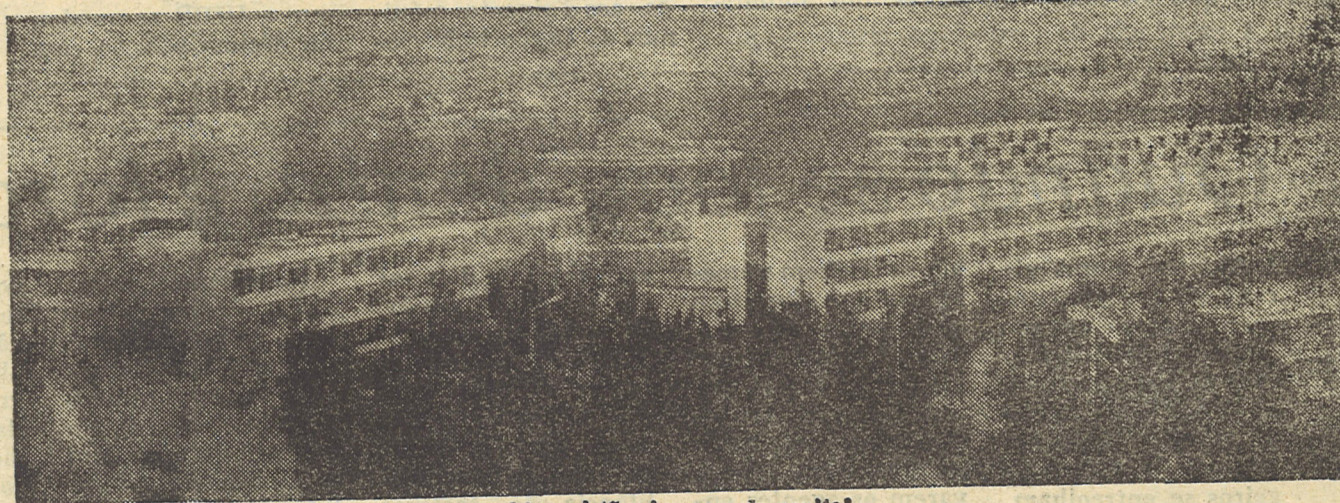
O trabalho teve assim de voltar ao ponto zero: a obtenção de dados sobre a situação real no campo afegão. Foram enviados para esse fim comissões para 13 províncias que revelaram que mais de 170 mil hectares de terras de reserva não repartidas entre camponeses, ou mesmo distribuídas, foram abandonadas devido aos ataques dos bandos contra-revolucionários, a ausência de créditos do Estado, além da falta de sementes, adubos, máquinas e insecticidas. Tornou-se assim claro que a propriedade da terra não se referendou com os respectivos documentos que lhes garantiam esse direito. Deste modo, a medida seguinte foi garantir uma distribuição justa das reservas de terra, observando as normas democráticas e assegurando uma ampla participação dos habitantes nas zonas rurais.

Na prática, esse objectivo foi conseguido através da formação dos comités rurais para a reforma agrária, integrados por representantes do partido governante, das organizações sociais, cooperativas, camponeses, proprietários, membros do clero e chefes das tribos. Considera-se que o carácter amplamente representativo destes organismos permitirá evitar os abusos e erros.

Todos os camponeses sem terra receberão em usufruto um hectare de terra cultivável, segundo as normas previstas. As parcelas superiores a 20 hectares serão entregues às cooperativas e as superiores a 100, às explorações mecanizadas estatais. Também está a ser revista a legislação relativa aos recursos hidráulicos, visto que sem água a terra praticamente não tem valor: nesse sentido, todos os agricultores receberão a quantidade de água necessária para cultivar a sua parcela. Mas, o êxito da reforma

agrária depende também que sejam garantidos os meios de produção necessários. Por enquanto, segundo assinou Abdul Gafar, vice-ministro da Agricultura e da Reforma Agrária, não é ainda possível fazê-lo à escala nacional, porque o país não tem possibilidades financeiras suficientes. Para contornar este problema, o governo encara presentemente a criação em algumas regiões de centros cooperativos, onde os camponeses, incluindo os particulares, disporão do necessário.

Posteriormente, pensa-se alargar a experiência a outras regiões. Os planos estabelecidos pelo governo são de longo prazo e abarcam um período até 1989 e mesmo depois, tendo em vista, a eliminação dos vestígios feudais, a limitação dos grandes latifúndios e a entrega da terra aos camponeses e operários agrícolas que não a têm ou possuem em quantidade insuficiente. (APN)



Afeganistão: imagem da capital

ipa com 380 mil dólares

rior.

A formação de quadros é outro imperativo que se apresenta ao Plano Director do Projecto. Este prevê a especialização de três quadros nossos no domínio da hidrometeorologia e estágio para dois outros em matéria de instrumentos de hidrometria e climatologia, contando para tanto com os serviços competentes. Neste capítulo, o relatório alerta para a situação, que se revela à partida diferente nos dois países nessa matéria. Pois, segundo o documento, enquanto Conakry dispõe de quadros com base suficiente, aos quais apenas bastariam estágios de aperfeiçoamento

e especialização, a Guiné-Bissau terá que começar pela formação de quadros de nível superior e médio que possam ser canalizados para o sector das águas, dada a importância que o sector assume no nosso processo de desenvolvimento.

Uma proposta será submetida aos dois Governos sobre a possibilidade de quadros da Guiné-Conakry acompanharem de perto, numa fase inicial, peritos estrangeiros seus homólogos que venham trabalhar nos diferentes domínios do Plano Director do Projecto ao nível de toda a bacia. Enquanto isso, os nossos quadros irão sendo pre-

parados com o fim de assumirem as responsabilidades referentes aos trabalhos na nossa zona de influência.

OBJECTIVOS DO PROJECTO

O Projecto (conforme noticiámos numa outra reportagem publicada na nossa edição n.º 880, de 19 de Junho, último, a propósito da realização, em Bissau, de 22 a 28 de Maio, da segunda sessão extraordinária do CTP) tem como principais objectivos a definição dos recursos em água da bacia, o estabelecimento do mapa da bacia à escala 1:50 000; elaboração de um Plano Director Sumário de aproveitamen-

to hidráulico da bacia; estudo de factibilidade de dois sítios de barragem de interesse comum aos dois Estados, cabendo um a cada país, e formação de pessoal técnico.

Na sua próxima reunião, cuja data será fixada posteriormente por concertação entre os dois Governos e o PNUD, o CTP procederá à elaboração dos seguintes documentos: Regulamento interno do CTP; Termos de referência dos trabalhos de Cartografia, do Plano Director, Sumário de aproveitamento hidráulico da bacia e dos estudos de factibilidade dos dois sítios de barragens prioritários. Os

resultados da última reunião do CTP, segundo o parecer das duas delegações, são considerados satisfatórios, apesar da ausência do representante do PNUD cuja presença, segundo se salienta no documento, teria permitido dar um salto qualitativo na elaboração do documento, ao mesmo tempo que proporcionava sobretudo, um ganho significativo do tempo.

INFORMAR O POVO

A importância do projecto que visa não só fins energéticos como também o aproveitamento de outras potencialidades da bacia, como pesca artesanal, irrigação, pastagem, entre

outras, foi salientada pelo Ministro guineense das FAPA e das Cooperativas Agrícolas, camarada Sénainon Behazin, durante a visita aos trabalhos do Comité Técnico Permanente. O dirigente guineense, que recebeu igualmente em audiência a nossa representação, referiu-se por outro lado à necessidade de se dar conhecimento sistemático aos dois povos dos trabalhos dos técnicos. Isso não só como justificação devida, mas sobretudo para que estes tomem consciência da importância que as realizações previstas representam para o seu próprio desenvolvimento sócio-económico.

Mais um campeonato controverso

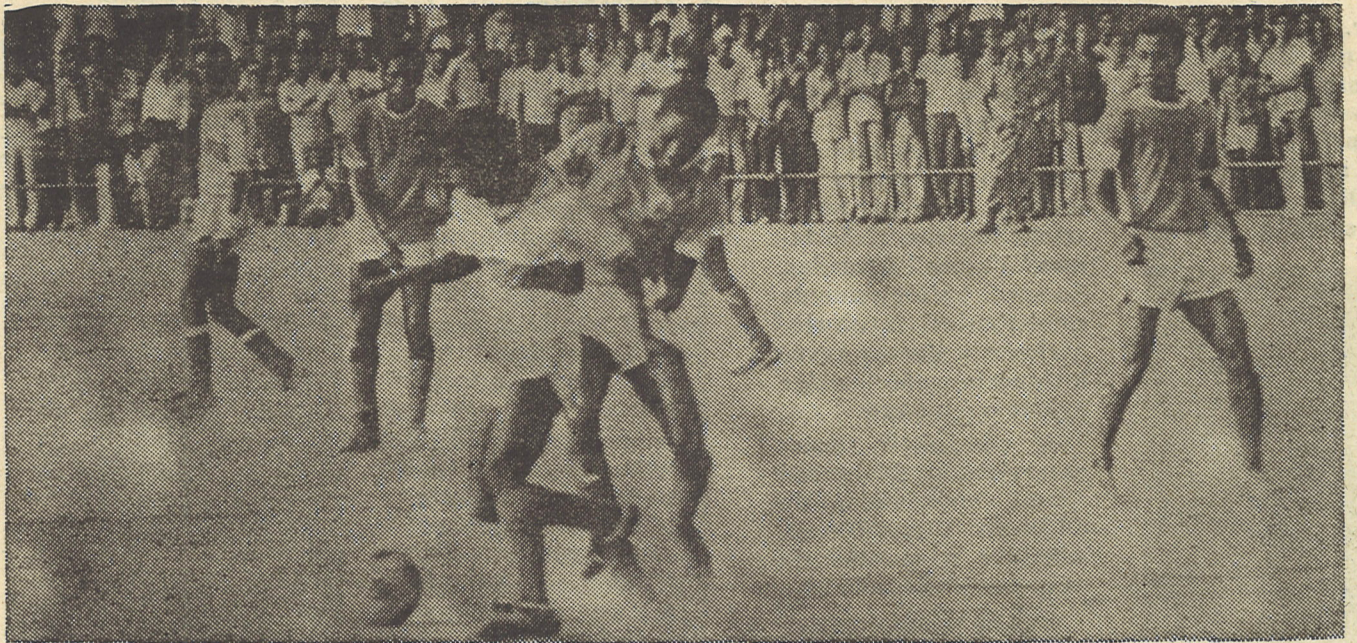
UDIB e Benfica na hora de confidências

O campeonato nacional de futebol terminou com a homologação dos jogos da última jornada. Mas, ao que parece, foi «ressuscitada» a polémica em torno do encontro Benfica-Cantchungo com um telegrama enviado ao camarada Primeiro-Ministro pelo clube de Cantchungo. Com este recurso, as entidades desportivas encontram-se numa espécie de «corda bamba» para arrumar a época finda. O recurso à instância superior vem a pôr em causa a decisão já tomada pela F.N.F. sobre o protesto recorrido pela equipa do Cantchungo. Segundo fontes afectas à Federação, o parecer solidado pelo camarada Primeiro-Ministro sobre o assunto não iria ser diferente do despacho já tornado público: falta de fundamento para que o protesto seja considerado procedente. O presidente da Federação que nos confirmou a existência do

documento, esclareceu que «não somos corruptos. Todos os elementos da Federação são indivíduos idóneos».

Para já, as interrogações que pairam no ar são: o Benfica é ou não campeão nacional? O que a equipa de Cantchungo persegue?

No intuito de apresentar aos nossos leitores um balanço do campeonato nacional de futebol, prometemos publicar nas próximas edições, entrevistas que nos concederam os camaradas Telmo de Sousa Mendes e Samuel Brito «Saml», presidente da Direcção e membro do Conselho Técnico respectivamente da equipa do Benfica; os camaradas Carlos Gomes Júnior e Abraão Tavares, membro da Direcção e orientador técnico respectivamente, da equipa da UDIB. Para além das considerações e sugestões apresentadas por esses dirigentes, um autêntico «fogo cruzado», jul-



gamos oportuno dirigir as nossas «baterias» no Benfica e UDIB por serem, após a independência, os clubes que se apresentaram mais vezes como rivais à disputa do título.

Esta situação tem provocado «dores de cabeça» aos dirigentes máximos do Desporto Nacio-

nal desde a edição 77/78 que terminou sem equipa campeã.

Efectivamente, os leitores recordam-se dos «6-0 e 12-4» com que foram «cilindradas» as equipas de Bula e Tombali?

Na quinta edição 78/79, foi a época em que a UDIB se quedou na décima posição com

28 pontos, tendo o Benfica sagrado campeão (ininterruptamente) ao bater na última jornada o Sporting por 3 bolas a 1. Assim, na sexta edição 79/80 o Benfica e a UDIB chegaram à última jornada com 46 pontos cada, tendo o Benfica sido considerado campeão por, no cómputo das «duas mãos» esta

equipa ter levado a melhor. Entretanto, na época 80/81, a caminho do título, verificou-se que o Benfica pisou bem o terreno, chegando à última jornada com 38 pontos e a UDIB 34 pontos.

E a edição 81/82?... Julgamos que ainda vai dar que falar!

Quando se joga dentro e fora do campo

Algures numa picada da floresta, um carro «ronca» aos solavancos. Destino: a casa de um «mouro» ou o poílão de tótons de um afamado Irão. Os dois passageiros se entreolham. A «missão salvadora» do clube iria em breve ser cumprida. Chegaram. No «bantabá» da tabanca, naquela manhã, havia uma azáfama inusitada. Acocorado,

via-se um bom número dos que chegaram para tratar da «mistida». Entretanto, havia outros clubes que indagaram e souberam algo e, daí a surpresa em observarem os agentes enviados por um dos potenciais rivais. Sorriam. Para já (o que interessa é jogar forte)... cinquenta mil pesos mais um «candonga», ou cem mil mais uma casa e, um

acréscimo de dois sacos de arroz e um saco de açúcar mensalmente. Sim, ia ser espinhosa esta missão. A argúcia, «fala mole», tacto e sobretudo espírito de militância são factores que iriam imperar neste embate. Os mensageiros voltaram a entreolhar-se e esboçaram sorrisos em sinal de compreensão. O fim justificava os meios... pensariam eles.

No entanto, numa sala ornamentada com galhardetes, estandartes e taças encontram-se reunidos três homens. O objectivo da reunião: análise das disponibilidades do clube. Um dos membros que presidia a reunião traça um panorama sombrio. Nada a fazer. A solução deve ser encontrada junto à «família» do clube e em particular no apoio incondicional

dos membros dirigentes. Então existe ou não provas de que alguns preferem sacrificar o bem-estar da mulher e dos filhos para que a «vergonha» não venha à tona?

Naquela tarde os treinos da equipa estavam quase a terminar. Um homem destaca-se entre os assistentes e faz sinal ao treinador. Afastam-se dos «ouvidos»

indiscretos e a conversa dura cerca de dez minutos. O homem afasta-se cabisbaixo com ar de que sobre os seus ombros ia todo o peso da equipa. Algumas interrogações misturadas com olhares de admiração poisaram sobre o homem. Um murmúrio sai entre os assistentes: «é ele quem tem os segredos do clube!»

Anúncios

AVISO

Victor Rivera Ucha, tem o grato prazer de informar a todos os comerciantes importadores (privados) do País que, a partir do próximo navio a chegar ao nosso porto está, superiormente, autorizado, pelas entidades competentes, a verificar e constatar os estados das chegadas e descargas de todas as mercadorias destinadas aos comerciantes importadores privados. Para melhores informações e esclarecimento, agradece-se a todos os que se acharem

interessados nos seus serviços, o favor de se dirigirem às suas instalações na Rua 2, R/C - 13A ou Caixa Postal 78 - Bissau aonde serão bem acolhidos.

AGRADECIMENTOS



Agostinho Boaventura Martins, irmãos, cunhados e demais familiares, vêm por este meio agradecer a todas as pessoas amigas que de uma ou de outra forma lhes manifestaram o seu pesar aquando do desaparecimento prematuro da sua chorada e querida mulher ocorrido no dia 15 de Julho.

O mesmo agradecimento vai ainda para a equipa de enfermagem do recobro, especialmente à enfermeira Bé-

bé, que prestaram a sua colaboração nos momentos dolorosos que antecederam a sua morte, à direcção da INACEP e a todos os colegas de trabalho, professores da Região do Biombo, em particular o delegado da região, camarada Fati, o director da comissão de estudo camarada Injai bem como o camarada Silva.

Adelino Moura Monteiro, Isaura Gomes e

demais familiares, na impossibilidade de o fazer pessoalmente, vêm por este meio agradecer a todos que os acompanharam na sua profunda dor pela morte do seu filho e parente Ângelo Moura Monteiro, falecido no passado dia 13 de Maio, em especial o Presidente do Comité de Estado da Região de Tombali e a população da tabanca de Catungo-Nalú, pela atenção dispensada.

Campeonato defeso

Dez-se-á início no fim desta semana no estádio escolar, o 2.º campeonato de defeso organizado pelos Comités da JAAC e do Partido do bairro de Reno-Gambiafada, contando no total com a participação de oito equipas de diversos bairros de capital. Recorde-se então, que na época transacta, sagrou-se campeã a equipa «Tchupe, Tchifre» pertencente ao bairro de Tchada.

Atentados no Zimbabué

Três dos nove turistas estrangeiros raptados na semana passada a sudoeste do Zimbabue terão sido mortos pelos dissidentes armados hostis ao governo do Primeiro-Ministro Robert Mugabe e os raptadores reclamam, em troca dos reféns, a libertação dos partidários de Joshua Nkomo, chefe da Frente Patriótica (ZAPU), detidos em Março, por conspiração para derrubar o Governo.

Quatro turistas tinham sido libertados para apresentarem às autoridades zimbabueanas o texto das reivindicações dos dissidentes, que ameaçaram matar os restantes reféns se o seu pedido de troca não fôr satisfeito até este fim de semana.

O Governo de Harare confirmou recentemente o ataque à base da Força Aérea de Thornhill, não revelando porém o número de aviões destruídos no ataque, que terá durado 40 minutos e, segundo observadores, terá sido executado por profissionais bem preparados.

Segundo informações da agência Reuter, entre os aviões destruídos ou danificados figuram seis caças britânicos «Hunter», um do tipo «Lynx» e os quatro «Hawks» comprados há cerca de duas semanas, no valor de 35 milhões de dólares.

A OLP e as resoluções da ONU

O porta-voz oficial da OLP, Mahmoud Labadi, lamentou na terça-feira em Beirute que «o Governo americano não tenha respondido ao ramo de oliveira estendido por Yasser Arafat», presidente do Comité Executivo da OLP.

Esta foi a primeira reacção oficial palestina perante a rejeição, na segunda-feira pelos Estados Unidos, do «documento-Arafat», no qual o líder da OLP afirmava que «reconhece todas as resoluções da ONU relativas ao problema da Palestina». Este documento, assinado por Arafat, tinha sido entregue ao representante americano, Paul McCloskey.

Esta aceitação, que continua a ser considerada como ambígua — já que as resoluções 242 e 333 do Conselho de Segurança da ONU (que prevê o reconhecimento de Israel) não foram explicitamente mencionadas no texto assinado por Yasser Arafat, foi recebida com muita prudência pelo Gover-

no americano, enquanto meios israelitas a consideraram «uma manobra de propaganda».

A adesão a essas resoluções que servem de fundamento jurídico aos esforços para se encontrar uma solução diplomática para o conflito israelo-árabe, é a condição posta pelos países ocidentais designadamente pelos Estados Unidos, para o reconhecimento da central palestina.

Adoptada depois da Guerra israelo-árabe de Junho de 1967, a resolução 242 não faz a mínima menção à questão palestina, limitando-se, em termos gerais, a prever uma «solução justa para o problema dos refugiados». Isso explica talvez que o presidente da OLP tenha alargado igualmente a sua aceitação às resoluções da Assembleia Geral, uma das quais, a resolução 338, que preconiza o direito do povo palestino à autodeterminação e a sua associação às negociações de paz.

Marcha da paz na Europa do Norte

Cerca de 300 pessoas, vindas da Suécia, Dinamarca, Noruega e Finlândia, participantes na marcha da paz, desfilarão no sábado passado nas ruas de Moscovo, acompanhados por milhares de habitantes da capital soviética.

Ao discursar perante os pacifistas escandinavos, Yuri Zhukov, presidente do Comité Soviético de Paz, declarou que seria impossível ganhar uma guerra nuclear. Zhukov afirmou que «tentar ganhar a corrida aos armamentos, esperar pela vitória numa guerra nuclear é uma perigosa loucura».

Iniciada no dia 13 de Julho, na cidade de Estocolmo, capital da Suécia, a «Marcha da Paz-82» tem como objectivo central obter a desnuclearização da Europa do Norte. Os manifestantes entraram na União Soviética no dia 17 pela fronteira da Finlândia junto de Leninegrado, depois de terem percorrido o trajecto Estocolmo — Turku-Helsínquia.

De Leninegrado dirigiram-se para Moscovo, Smolensk e Minsk. A 28

de Julho estiveram na aldeia bielorrussa de Khatyn (arrasada pelos nazis durante a segunda Guerra Mundial e cujos habitantes foram exterminados pelos fascistas), onde realizaram um comício com a população local. De Moscovo, a marcha seguiu para Viena, capital da Áustria, passando por Kiev.

Esta marcha, que surge um ano após uma manifestação idêntica realizada entre Copenhague

e Paris, insere-se na onda de movimentos pacifistas que desde o ano passado têm visto a luz do dia em toda a Europa, em contraposição à tendência que se manifesta na arena política internacional para uma deterioração do movimento.

As palavras de ordem sob as quais os pacifistas marcharam em Moscovo, assentes em consultas com as autoridades soviéticas antes da chega-

da da marcha à URSS, não criticam directamente qualquer das duas potências nucleares — os Estados Unidos da América e a União Soviética.

No entanto, cartazes empunhados por participantes soviéticos nas manifestações dos últimos dias protestam contra a bomba de neutrões fabricada pelos Estados Unidos e o plano da NATO para a instalação de mísseis de médio alcance na Europa Ocidental.



A marcha pela Paz-82 começou em Estocolmo. Na gravura, os pacifistas desfilando pelas ruas da capital sueca — (Foto APN)

OUA: A obra de descolonização em perigo

O Conselho de Ministros da OUA, cuja reunião em Trípoli continua sendo adiada, parece ter chegado a um compromisso, que permitirá a realização da 19.ª cimeira da Organização pan-africana na data prevista, de 5 a 9 de Agosto.

A solução adoptada, segundo o chefe da delegação líbia, Ali Abdessalam Triki, prevê a participação da delegação da R.A. S.D. (República Árabe Saharai Democrática)

na conferência preparatória e a sua retirada «voluntária e temporariamente» da próxima cimeira dos chefes de Estado e do Governo.

Se se confirmar esta informação, isso significa que o «obstáculo» que levou alguns países membros a boicotarem os trabalhos da Organização — irregularidade no processo de admissão do Estado saharai — deixou de existir, na medida em que os responsáveis sahara-

uis terão sacrificado o seu direito legítimo de figurar no encontro máximo dos dirigentes.

Significa também que os combatentes da liberdade saharais deram uma contribuição importante para a sobrevivência desse insubstituível quadro de reflexão e de decisão colectiva do continente, que é a OUA, não obstante as suas limitações.

Porque na ausência deste compromisso,

corria-se o risco de ver a África dividida em duas partes. O impasse que daí adviria seria perigoso para os povos do continente, mais do que nunca alvos da conspiração camuflada dos inimigos da sua liberdade e independência.

Por isso é que é lamentável a atitude de certos países que, sendo abertamente a favor da causa saharai, não compareceram em Trípoli — caso do Uganda — a pretexto de um conten-

cioso com o regime de Khadafi.

A guerra do Sahara é a luta dum povo (saharai) para expulsar os invasores (marroquinos) do seu território, depois de se terem desembaraçado do colonialismo espanhol. Portanto, o que está em jogo em Trípoli é a concretização da tarefa número um da OUA — a conclusão da obra de descolonização, iniciada nos anos 60 pelos pioneiros da unidade africana.

CULTURA

MÉXICO — O ministro francês da Cultura, Jack Lang, apelou para uma «cruzeira mundial contra o imperialismo financeiro e intelectual», ao intervir na sessão plenária da segunda conferência mundial sobre as políticas culturais, organizada pela UNESCO.

Segundo Lang, este «imperialismo financeiro e intelectual», é uma forma de agressão que se «apropria» das consciências em vez dos territórios, e constitui uma forma de ingerência nos assuntos internos» dos países.

EXPLOSÃO

PORT ELISABETH — Uma bomba explodiu na quarta-feira à tarde no exterior dum comissariado da polícia de Port Elisabeth (província do Cabo), na África do Sul, causando dois feridos, segundo a polícia sul-africana. Nenhum detalhe foi fornecido quanto à potência do engenho explosivo.

ETIÓPIA-SUDÃO

ADDIS ABEBA — Questões de defesa, segurança e comércio fronteiriço foram discutidas pelas autoridades etíopes e sudanesas, no decurso da visita de três dias à Etiópia do vice-presidente do Sudão e ministro da Segurança Nacional, general Omer Mohamed Tayeb. Durante a sua estadia, que terminou ante ontem, Mohamed Tayeb avistou-se com o coronel Mengistu Hailé Mariam, chefe de Estado etíope, com quem teve conversações profundas sobre as relações bilaterais.

Visita ao Leste: Constatado o avanço de produção e escassez de mercadorias

Gabú, 30 de Julho (Do nosso enviado especial) — «Vimos falar-vos mantenhãs. Mas as nossas mantenhãs não são de festa são de trabalho». Esta frase pronunciada pelo camarada Primeiro-Ministro, Víctor Saúde Maria, perante a população de Sonaco e com outros encontros com a população de Gabú, teve o seu eco durante a deslocação, ontem, à povoação de Cã Dja que inaugurou a segunda etapa da visita do Chefe do nosso Governo ao Leste.

O camarada Saúde Maria, que chegou a capital da região na quarta-feira, onde foi recebido em festa, visitou durante a manhã de ontem o projecto de multiplicação e vulgarização da mancarra e do milho. O primeiro com a extensão de 3 hectares, o segundo 2 hectares, estão enquadrados no projecto de Desenvolvimento Rural da Zona II.

TRACÇÃO ANIMAL — UMA VITÓRIA

A introdução da tracção animal, que é feita paralelamente à formação do camponês em

matérias de gestão e comercialização dos produtos, permitiu grandes avanços e uma consequente mudança de atitudes da população rural com vista ao aumento das áreas cultivadas através da técnica moderna.

Fazendo jus à palavra de ordem lançada, a comitiva visitante pôde apreciar o esforço considerável da população nesta época agrícola. A determinação dos camponeses vai ainda mais longe ao ponto de exigirem o reforço de material agrícola. «Queremos mais material de agricultura. O apoio do Governo possibilitou-nos a realização de grandes trabalhos», disse Amadú Seidi, um dos populares que usou da palavra no comício de Sonaco, para acrescentar com uma certa ironia: «Agora podemos meter uma mão no bolso e pôr a máquina a semear».

O problema das moscas tsé-tsé (que provocam a cegueira) foi insistentemente apresentado pela população de Sonaco, que manifestou a necessidade do seu combate, pois já se co-

meçou a sentir a presença incómoda desses insectos. Amadú Seidi reconheceu, entretanto, o grande papel desempenhado pelo Centro de Estudo Epidemiológico de Luta e de Controle da Oncocercose.

As dificuldades apresentadas concentram-se nos artigos da primeira necessidade e outros indispensáveis ao mundo rural. A preocupação manifestada pelos camponeses de Sonaco quanto à escassez desses produtos encontrou a sua razão de ser quando o Primeiro-Ministro visitou as lojas da Socomin e dos Armazéns do Povo.

Na loja dos A.P. as prateleiras estavam completamente vazias, salvo uma fotografia colocada num dos espaços herméticos da longa prateleira e escassez de lâmpadas fluorescentes, facto que provocou murmúrios e comentários dos presentes. Não escapando muito a esta lamentável situação, a Socomin possuía na sua loja alguns artigos sem o mínimo interesse para os camponeses. Isto ainda é mais grave porque Sonaco dista poucos qui-

lómetros da fronteira, o que origina a fuga dos nossos produtos.

Tanto o Primeiro-Ministro, camarada Víctor Saúde Maria como o titular da pasta do Desenvolvimento Rural, camarada Paulo Correia, reconheceram nas suas intervenções o avanço verificado na produção, pela população de Leste, seja no ano anterior como nesta época agrícola.

«Sem o trabalho não há alegria, porque a população de Sonaco pôde ficar doente e ter fome. Vimos o grande trabalho realizado. É um grande encorajamento para o Governo», salientou o camarada Saúde Maria durante o comício de Sonaco.

Ainda durante o dia de ontem, a delegação do Primeiro-Ministro deslocou-se ao projecto orizícola de Carantaba, no sector de Sonaco, onde uma equipa de técnicos chineses desenvolve trabalho que mereceu reconhecimento do Chefe do Governo. Hoje, o camarada Víctor Saúde Maria terá um encontro com os velhos de Gabú, após o que a comitiva regressará a Bissau.

Cerimónia do fanado e a população agrícola

O fanado constitui uma das manifestações culturais tradicionais do nosso Povo, que o nosso Partido — PAIGC e o Estado respeitam e podemos mesmo dizê-lo, valorizam.

Para as cerimónias do fanado, que coincidem em todo o país, precisamente com o período das chuvas, muitos homens e mulheres, são arredados dos trabalhos do campo, o que acaba por ter influências funestas sobre os resultados da produção agrícola.

Se airmos o tempo dispendido para as cerimónias do fanado à pluviosidade irregular que se tem verificado no nosso país, nos últimos tempos, acabamos por concluir, que o aproveitamento integral das forças produtivas nacionais e das chuvas que caem, se tornam uma exigência se quisermos atingir um maior nível de produtividade agrícola.

Todos nós sabemos, que mesmo com boas colheitas, temos que depender ainda muito da ajuda externa. Essa ajuda que deveria constituir um elemento de complementação na nossa economia, tornou-se com os tempos um factor determinante, como já foi dito.

Além disso, se não conseguirmos obter boas colheitas anuais, ser-nos-á impossível pensar em atingir a autosuficiência alimentar e muito menos, em criar um excedente de produtos agrícolas exportáveis, que permitam a aquisição de divisas para a compra de produtos de primeira necessidade.

Se é legítimo dizermos que as lojas no interior do país estão quase completamente vazias e que não há mercadorias que encorajem o camponês a produzir mais, pensamos que também será lógico dizermos que sem boas colheitas agrícolas, o Estado não tem possibilidades de proceder a grandes volumes de importação de bens de consumo que interessem o campo, ainda porque tem facturas de vária ordem a pagar ao estrangeiro (combustíveis, serviços, bens de equipamento, etc.).

Vemos assim, que só através de um esforço comum, do camponês para produzir mais e com melhor qualidade e do Estado para adquirir mais mercadorias que sirvam o camponês, poderemos sair deste ciclo de dependência da ajuda externa e pensar em construir uma economia nacional independente.

É nesta óptica, que a última reunião do CC do PAIGC, analisou a questão das implicações da realização das cerimónias do fanado, durante o período das chuvas, na produção agrícola e decidiu recomendar ao governo a adopção de uma lei, que embora respeitando essa tradição cultural do nosso povo, estabeleça a obrigatoriedade da sua prática em prazos bem definidos.

Responsáveis de massas tomam posse

Os novos responsáveis do Sector Autónomo de Bissau, da UNTG e da JAAC, foram empossados na quinta-feira, numa cerimónia realizada no Secretariado do PAIGC, estando presentes os camaradas Vasco Cabral, Secretário Permanente do Comité Central, Tiago Aleluia Lopes, do Bureau Político e Fidélis Cabal d'Almada suplente do BP e Secretário para as Organizações de Massas e outras Organizações Sociais do Secretariado do CC.

Depois de lido o termo de posse pelo camarada Mário Cabral, do CC, os empossados juraram desempenhar com zelo e lealdade o cargo e contribuir para o cumprimento do programa do PAIGC e das

organizações de massas, a construção da unidade nacional, do progresso e bem-estar do povo. Os novos responsáveis juraram ainda tudo fazer para que, de acordo com os objectivos traçados pelo Movimento Reajustador do 14 de Novembro, «o nosso Partido seja a força dirigente da nossa sociedade» e para que «se realize o sonho de Amílcar Cabral».

Os camaradas António Borges, Mário Mendes, Teobaldo Barbosa, todos eles do CC e Adriano Ferreira (Atchutchi), suplente do CC, foram designados pelo Comité Central, na sua reunião de 30 de Junho a 6 de Julho, para os cargos de Presidente do Comité do Partido do Sector Autónomo de

Bissau, Secretário-Geral da União Nacional dos Trabalhadores da Guiné, Secretário-Geral e Secretário-Geral Adjunto da Juventude Africana Amílcar Cabral, respectivamente.

Num breve improviso, o Secretário Permanente do CC felicitou os novos titulares com cuja ajuda, disse, o Partido conta fundamentalmente para o avanço dos trabalhos e que as organizações de massas sejam de facto o braço direito do Partido. Vasco Cabral referiu-se à situação difícil que o país atravessa e que exige o sacrifício de todos. Contudo, frisou aquele membro do BP, o amor e a dedicação dos camaradas permitem prever resultados encorajadores. Vasco Cabral exortou

ainda às organizações de massas a mobilizarem cada vez mais jovens, mulheres e trabalhadores em torno dos objectivos do Partido e possam ser criadas condições para que o progresso desta terra se realize e que o sonho de Amílcar Cabral se concretize no sentido de fazer do P.A. I.G.C. a força, luz e guia do nosso povo.

Ainda durante o acto, o Secretário Permanente do CC anunciou a posse, em data oportuna, da camarada Francisca Pereira, membro do CC, para o cargo de Secretária da Comissão Nacional das Mulheres da Guiné que vinha exercendo e para o qual foi confirmada pelo Comité Central na sua última reunião.

FICHA TÉCNICA — JORNAL «NÓ PINTCHA»; AV. DO BRASIL, C. P. 154 — BISSAU

António Soares (Director em exercício); João Quintino (Chefe de Redacção em exercício)

REDACÇÃO: António Tavares, Baltazar Bebiano, Carolina Fonseca, Fernando Jorge, Fernando Perdigão, João Fernandes, Pedro Albino, Pedro Quadé, Raimundo Pereira, Teresa Ribeiro. MAQUETAGEM: Cândido Camará. FOTOGRAFIA: Agostinho Sá, Casimiro Cá, José Tchuda, Manuel Costa, Mário Gomes, Pedro Fernandes. SECRETARIA DA REDACÇÃO: Eurídice Gama, Idel Miranda, Ivete Monteiro.